

**IDENTIDADE E MOBILIDADE ESTUDANTIL: estudo de caso da
experiência dos moçambicanos na UNILAB**

**STUDENT IDENTITY AND MOBILITY: case study of the experience of
mozambicans at UNILAB**

**IDENTIDAD Y MOVILIDAD DEL ESTUDIANTE: estudio de caso de la
experiencia de mozambicanos en UNILAB**

Anna Ariane Araújo de Lavor

Doutora e Mestre em Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Servidora pública do Instituto Federal do Ceará – IFCE/Campus Iguatu. annariane@hotmail.com / <http://orcid.org/0000-0001-5729-0270>

Jane Márcia Mazzarino

Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Bolsista Produtividade CNPq PQ2. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari – PPGAD/UNIVATES. janemazzarino@univates.br / <http://orcid.org/0000-0002-6051-5116>

Recebido: 20/09/2021; Aceito: 14/10/2021; Publicado: 28/10/2022.

RESUMO

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) tem como objetivo formar pessoas para contribuir com os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente as nações africanas. Os cursos são ministrados conforme as áreas de interesse mútuo do Brasil e dos demais países da CPLP. Esta possibilidade de mobilidade estudantil tem atraído estudantes de diferentes países da África, entre eles, os moçambicanos. O objetivo do artigo é investigar interferências identitárias e processos de sua (re)construção a partir da experiência de mobilidade vivida por estudantes moçambicanos da UNILAB. A pesquisa é descritiva, focada na pesquisa bibliográfica e de campo baseada em entrevistas em profundidade. Evidenciou-se que os elementos mais dinamizados no processo de mobilidade estudantil referem-se a aspectos da identidade africana e nacional, sexual e de gênero, além da social.

Palavras-chave: Identidade; Mobilidade; Moçambicanos; Educação; Transnacionalismo.

ABSTRACT

The University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB) aims to train people to contribute to the member countries of the Community of Portuguese Speaking Countries (CPLP), especially African nations. The courses are taught according to the areas of mutual interest in Brazil and other CPLP countries. This possibility of student mobility has attracted students from different countries in Africa, including Mozambicans. The aim of the article is to investigate identity interferences and their (re) construction processes based on the mobility experience lived by Mozambican students at UNILAB. The research is descriptive, focused on bibliographic and field research based on in-depth interviews. It became evident that the most dynamic elements in the

student mobility process refer to aspects of African and national, sexual and gender identity, in addition to social.

Keywords: Identity; Mobility; Mozambicans; Education; Transnationalism.

RESUMEN

La Universidad de Integración Internacional de la Lusofonía Afrobrasileña (UNILAB) tiene como objetivo capacitar a las personas para contribuir a los países miembros de la Comunidad de Países de Lengua Portuguesa (CPLP), especialmente a las naciones africanas. Los cursos se imparten de acuerdo con áreas de interés mutuo en Brasil y otros países de la CPLP. Esta posibilidad de movilidad de estudiantes ha atraído a estudiantes de diferentes países de África, incluidos los mozambiqueños. El objetivo del artículo es investigar las interferencias identitarias y los procesos de su (re) construcción a partir de la experiencia de movilidad vivida por los estudiantes mozambiqueños en UNILAB. La investigación es descriptiva, enfocada a la investigación bibliográfica y de campo basada en entrevistas en profundidad. Se evidenció que los elementos más dinámicos en el proceso de movilidad estudiantil se refieren a aspectos de identidad africana y nacional, sexual y de género, así como social.

Palabras clave: Identidad; Movilidad; Mozambiqueños; Educación; Transnacionalismo.

INTRODUÇÃO

A imigração estudantil é um assunto novo e pouco explorado academicamente, principalmente quando se fala na imigração de africanos com finalidade estudantil. A modalidade decorrente da imigração envolve projetos individuais e coletivos (comunidade, família, instituições) complexos, que são dinamizados por questões transnacionais e pelas redes sociais, as quais conectam os imigrantes com sua nação de origem e, ao mesmo tempo, com seu país de residência estudantil. Desse modo, os estudantes são considerados transmigrantes, pois desenvolvem e mantêm relacionamentos múltiplos que ultrapassam fronteiras.

A mobilidade possibilita o encontro com o outro, o que gera intercâmbio cultural e a extensão dos horizontes de cada interlocutor. Trata-se de uma experiência de comunicação, que é atravessada pelo diálogo, que, em si mesma, possibilita vivenciar as diferenças.

Buber (2006) trata da importância do diálogo, pois este seria o lugar onde ocorre o encontro entre duas pessoas. De acordo com Zuben, o “Eu” seria a pessoa que encontra o “Tu” e este encontro pode acontecer em três esferas: “a relação com os seres da natureza, a esfera dos homens e a esfera das essências espirituais” (ZUBEN, 2006, p. 31). Buber (2006) explica que quando o “Eu” entra em contato com o “Tu”, conscientemente ou não, se geram consequências na vida e no modo de ser. Ou seja, o diálogo proporciona a alteridade, que se manifesta quando o “Eu” se relaciona com o “Tu”, deixando consequências e

marcas nas duas partes, as quais (de forma consciente ou não) se permitem participar desse encontro.

No caso da experiência de mobilidade, o indivíduo se torna o outro para o outro, ou seja, ele sai de um lugar conhecido para uma nova experiência inter-humana. Trata-se de uma experiência que, inexoravelmente, afeta as identidades dos envolvidos. Diante dessa evidência, o objetivo do artigo é investigar interferências identitárias e processos de sua (re)construção a partir da experiência de mobilidade vivida por estudantes moçambicanos da UNILAB.

A imigração voluntária dos africanos para o Brasil é recente e foi motivada pela procura de melhores condições de vida, trabalho ou estudo. Desde os anos 2000, o Brasil selecionou mais de 9.000 alunos pelos programas de seleção de estudantes internacionais de graduação e a África é o continente de origem de grande parte deles, com 76% dos discentes, possivelmente devido às facilidades proporcionadas por um idioma em comum (DCE, 2020).

Apesar da região Sudeste ser a preferência dos estudantes, a procura pela região Nordeste tem aumentado, após a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), a qual tem como objetivo formar pessoas para contribuir com os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente as nações africanas (BRASIL, 2010a). Os cursos da UNILAB são ministrados principalmente em áreas de interesse mútuo do Brasil e dos demais países da CPLP, enfatizando áreas relacionadas à formação de professores, desenvolvimento agrário, gestão, saúde pública, dentre outros temas considerados estratégicos (BRASIL, 2010a).

Os quatro *campi* da UNILAB (três no Ceará e um na Bahia) têm presença de alunos de países africanos (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) e, em menor número, da Ásia (Timor-Leste) (UNILAB, 2019).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é descritiva, por aprofundar-se nas características de determinada população ou fenômeno (GIL, 2008), neste caso, dos(as) alunos(as) moçambicanos(as) da UNILAB. Quanto ao procedimento técnico, foi utilizada a pesquisa de campo, é uma modalidade que busca aprofundar o conhecimento acerca de uma realidade específica, por meios como: observação direta das atividades do grupo estudado e entrevistas para captar as explicações e interpretações do fenômeno em análise (GIL,

2008).

A universidade possui atualmente 4.619 estudantes de graduação, sendo que destes, 45 são moçambicanos (UNILAB, 2020), representando o país africano com menor número de alunos na universidade. Destes, 15 são do gênero feminino e 30 masculino. Eles possuem média de idade de 23,33 anos e estão divididos nos cursos de Engenharia de Energias (13 alunos), Administração Pública (10 alunos), Agronomia (05 alunos), Enfermagem (04 alunos), Humanidades (04 alunos), Relações Internacionais (03 alunos), Sociologia (03 alunos), Ciências Biológicas (01 aluno), Engenharia da Computação (01 aluno), Pedagogia (01 aluno).

Foram entrevistados 19 moçambicanos que estudam na UNILAB (Ceará e Bahia), sendo 03 de gênero feminino e 16 de gênero masculino, com média de 24,15 anos de idade. Todos os entrevistados se classificaram como negros(as). Entre esses entrevistados havia desde alunos do primeiro semestre na UNILAB (com apenas 03 meses no Brasil, até alunos que acabaram de concluir o curso (estando há 06 anos no país), aguardando apenas os trâmites para a colação de grau).

A realização das entrevistas teve autorização e suporte da UNILAB e das entidades de representação estudantil Diretório Central Estudantil da UNILAB e Associação dos Estudantes Moçambicanos na UNILAB (AEMOZ). Após o contato, as entidades estudantis divulgaram a pesquisa, sendo entrevistados os 19 alunos que manifestaram interesse em participar. Devido às restrições de isolamento social causadas pelo COVID-19, as entrevistas foram feitas por meio de videochamada na plataforma do GoogleMeet. Todas as entrevistas ocorreram nos meses de maio e junho de 2020. Elas caracterizam-se como semiestruturadas e foram organizadas em três aspectos que compõem a identidade: Culturais, Subjetivos, Ambientais. Seus elementos constituintes decorreram da pesquisa bibliográfica.

Após a coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas, organizadas em planilha por categoria (aspectos e elementos identitários) e analisadas de forma qualitativa, buscando-se atingir a compreensão dos significados por meio da análise textual. De acordo com Moraes (2007, p. 87), a análise textual de uma pesquisa qualitativa é um “processo de desconstrução, seguida de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se, a partir disso, novos entendimentos sobre fenômenos e discursos investigados”.

MOBILIDADE ESTUDANTIL NO BRASIL

A mobilidade humana está relacionada à busca por melhores condições de vida e a diferentes fatores, tais como guerras, epidemias, catástrofes naturais, motivações econômicas, dentre outros. Os fatores variam conforme os contextos. Na Sociologia o tema está atrelado a processos de estratificação social, referindo-se à “capacidade do agente e/ou a permeabilidade das estruturas a mudanças de posicionamento” (OLIVEIRA, 2018, p. 10). O conceito pertence ao plano simbólico das relações sociais.

Para Hogan (2005), a ideia de “mobilidade” é mais abrangente que “migração”, por envolver fatores que vão além da mudança permanente ou temporária de residência. Isso se justifica devido ao surgimento de novas configurações territoriais, econômicas, culturais, sociais, dentre outras, que alteraram a forma de analisar os movimentos migratórios. Já Fortier (2013) nos faz pensar na migração em relação às maneiras pelas quais a 'mobilidade' foi estabelecida (destacando-se aspectos específicos: institucional, legal, tecnológico, material e idealista) como uma condição ou mesmo direito universal. Os estudos de migração nos levam, assim, a reconsiderar a ideia de fluidez, acessibilidade e conveniência do mundo móvel, bem como as conjunturas sob as quais as pessoas são (ou não) 'móveis'. Para a autora, a mobilidade cruza campos que são intrinsecamente interdisciplinares, envolvendo questões de cidadania, fronteiras e poder estatal, problemáticas sociais e culturais, acesso e participação social, dentre outros. Salazar (2018) explica que não existe um único tipo de mobilidade, pois existem diversas modalidades, determinadas pelas diferentes motivações e relações com os lugares de onde vêm e daqueles para os quais ou através dos quais se deslocam, dentre outras causas. Além disso, para o autor, a mobilidade ganha sentido por meio de sua inserção na sociedade, conforme sua cultura, política e história. Juntamente com gênero, classe, raça, etnia, idade, nacionalidade, idioma, religião, estilo de vida, deficiência e agrupamentos geopolíticos, a mobilidade tornou-se uma máquina essencial para produzir diferenças, risco, direitos e status, com pessoas móveis e imóveis envolvidas na construção de políticas complexas de localização e movimento (SALAZAR, 2018).

Resstel (2015) explica que os fluxos migratórios mudam o padrão étnico, interferem nas políticas econômicas, envolvem questões culturais, religiosas e sociais dos países, formando novos grupos. A autora ressalta que, embora os deslocamentos sempre tenham feito parte da história da humanidade, atualmente surgem com novos significados para as ciências modernas, porque o imigrante mantém um elo com o seu país de origem, conectando-se a ele por meio de meios tecnológicos, para além das fronteiras territoriais entre país de origem e país de residência temporária. Esta manutenção de vínculo entre

países por meio das redes sociais é o que define o transnacionalismo, segundo Basch, Schiller e Blanc (1994).

Estes transmigrantes desenvolvem e mantêm relacionamentos múltiplos – familiar, econômico, social, organizacional, religioso, político – para além de sua nação de origem. Os transmigrantes agem, tomam decisões e se sentem envolvidos dentro deste campo social, além disso, desenvolvem suas identidades dentro das redes sociais que os conectam com duas ou mais sociedades simultaneamente. Através dessas práticas transnacionais, superam-se as abordagens unidirecionais, que, erroneamente, entendem que quem migra rompe laços com a sociedade de origem (SOLÉ; PARELLA; CAVALCANTI, 2008).

Desta forma, a perspectiva transnacional da migração parte da premissa de que os migrantes constituem campos de ação social que conectam localidades e países através de redes de relações em uma construção única, que transpõe as fronteiras nacionais (FELDMAN-BIANCO, 2015). Trata-se de relações híbridas. Alguns fatores favorecem essa superação das fronteiras, como a globalização e o avanço das inovações na área da comunicação. De acordo com Augé (2010), as fronteiras tradicionais vêm sendo questionadas por esses avanços tecnológicos, suprimindo a cada dia as barreiras ligadas ao espaço e tempo. Contudo, o autor ressalva que esta mesma globalização pode encobrir outros obstáculos, tais como as diversas desigualdades, criando fronteiras ou fazendo ressurgir as anteriores. Esta situação amplia a distância entre a realidade de um planeta muitas vezes dividido e a ideologia de uma “representação sem fronteiras, que permitiria aos bens, aos homens, às imagens e às mensagens circularem sem limitação” (AUGÉ, 2010, p. 22).

Algumas vezes relacionada às situações de desigualdade, uma das formas de mobilidade humana transnacional é determinada pela busca das pessoas por qualificação, ou seja, a migração/mobilidade estudantil. De acordo com Bassani (2014), a migração acadêmica é o deslocamento de indivíduos objetivando buscar conhecimento ou formação profissional. Segundo a autora, este tipo de migração acontece, principalmente, no nível superior, visto que é uma fase de decisão da vida profissional, bem como pelo aumento do número de cursos e universidades.

Apesar da mobilidade estudantil representar uma migração temporária, variando conforme a duração do curso, deve-se considerar que todo o movimento migratório tem como consequências mudanças na relação dos migrantes com o espaço geográfico, o qual é carregado de significações socioculturais. O estudante que migra desenvolve, aonde chega,

relações culturais e de amizade, o que, muitas vezes, determina sua mudança definitiva para o local.

Independente do caráter pendular ou permanente desta mobilidade, cabe destacar que uma pessoa que se desloca para fins de estudo é um sujeito importante na configuração espacial, social e econômica da cidade em que está inserido, pois irá participar ativamente dos mais diversos segmentos (transporte, cultura, entretenimento, circulação de mercadorias etc.) da sociedade local. Morales (2008) defende que a ideia da imigração como uma rede social transnacional ocorre quando a mesma não é determinada apenas por decisões racionais individuais ou por uma valoração completamente voltada para o mercado de trabalho, como é o caso da migração estudantil. Na migração estudantil existem causas contextuais que não estão determinadas nas motivações econômicas, normalmente vistas em muitos processos migratórios, mas sim em trajetos pessoais, que os fazem renunciar suas estruturas familiares em favor de um projeto em busca de uma formação acadêmica qualificada (NASCIMENTO, 2013).

A mobilidade requer uma análise multidimensional, que inclua diversas escalas, inclusive de espaço e de tempo. Pensar a mobilidade apenas no espaço, sem contemplá-la no tempo é uma armadilha que aprisiona nas “velhas divisões espaciais (fronteiras, culturas, identidades) que até a presente foram sempre o fermento ativo dos afrontamentos e das violências” (AUGÉ, 2010, p. 102). É necessário, portanto, pensar a mobilidade com seus fluxos, conexões, contradições, elementos transnacionais e paradoxos que conectam este importante movimento humano à construção da identidade.

IDENTIDADE EM (RE)CONSTRUÇÃO

A identidade do indivíduo é formada no decorrer de sua vida e produz significado para a pessoa, bem como reconhecimento dos outros no grupo em que vive. Assim, torna-se importante, para o processo de afirmação da identidade, reconhecer os processos históricos e as relações de poder nas suas diversas dimensões (cultural, étnico-racial, de gênero, nacional, sexual, dentre outras). Em processos de mobilidade humana, como o que está em estudo neste artigo, há uma complexificação das influências entre estas dimensões e entre os contextos de circulação dos estudantes. Multiplicam-se as possibilidades de pontos de encontro e de apego, como denomina Hall (2000), autor que conceitua a identidade como:

[...] o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (HALL, 2000, p. 111-112).

A identidade está em constante mudança, além disso, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2006, p. 13). Para o autor, a identidade é um lugar que se assume uma postura/posição dentro de um contexto e não uma essência ou substância do sujeito a ser examinado. Estes processos de transformação demonstram que, com o mundo pós-moderno, encontram-se ultrapassados conceitos essencialistas ou fixos de identidade. E um dos fatores importantes neste processo é a mobilidade territorial. A apresentação do sujeito pós-moderno, trazida por Hall, com uma identidade formada e transformada continuamente nos sistemas culturais que o rodeiam, mostra a necessidade de adaptação deste sujeito à sociedade que influi e é influenciada pela globalização, deslocando as identidades culturais nacionais.

Para Bauman (2005), existe uma infinidade de identidades à escolha, conseqüentemente, é necessário compreender a perspectiva fragmentada e continuamente em construção e/ou transformação das novas identidades, mesmo considerando a necessidade de segurança de cada indivíduo. A busca por segurança de que fala Bauman, se dá em terrenos movediços se consideramos a visão de Mesquita (1994), autora que coloca a identidade como uma “relação com o outro que é ao mesmo tempo, o meu contraponto e o meu par: que permite, portanto, a definição da minha identidade, por diferença e por semelhança”. Ela entende a identidade como uma construção social, que decorre do ato de reconhecer-se como sujeito e como grupo, a partir do constante contato e das diversas relações que mantemos com os outros. Hall (2006) também ressalta a dualidade igualdade/diferença na formação da identidade, pois é na negação (do que é próprio na identidade do outro) e na diferença que as identidades são forjadas e é na contradição que os elementos identitários surgem.

Lucas e Santos (2016) também reconhecem a contradição, que ocorre, por exemplo, quando o indivíduo se vê diante de um estrangeiro. Nesse momento, ele afirma sua identidade numa relação ambivalente com alguém visto como estranho e oposto. Ou seja, “se é brasileiro justamente por não ser outra coisa”, pois a soberania de um país é onde se reforça os limites territoriais e de nacionalidade (LUCAS; SANTOS, 2016, p. 21). Nesse sentido, Silva (2000) explica que a identidade sempre acompanha uma negação, uma diferença, pois se alguém é brasileiro, é porque “não é argentino”, “não é chinês”. Para o

autor, estas diferenças possuem uma cadeia, normalmente oculta, de declarações negativas sobre a identidade, portanto, a identidade depende da diferença e vice-versa. Assim, identidade e diferença compõem uma relação social, resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, em estreita ligação com as relações de poder (SILVA, 2000).

As identidades atuam por meio da exclusão, bem como da produção de sujeitos marginalizados (HALL, 2000). Assim, a sociedade que exclui determina uma identidade como norma, como natural. A identidade “normal” nem mesmo é vista como uma identidade, mas apenas como “a identidade”, pois são as “outras” que precisam conquistar seu espaço como tal. Silva (2000) cita como exemplo o fato de que em uma sociedade de hegemonia branca, o fato de ser branco não é classificado como uma modalidade de identidade étnica/racial, ou ainda o fato de ser heterossexual, em uma sociedade homofóbica, também não o enquadraria em um tipo identitário.

Os processos identitários só existem dentro de um contexto, pois são relativos a algo específico que está em jogo (como no caso desta pesquisa, a questão da migração estudantil) (AGIER, 2001). Estes contextos podem ser entendidos como diversas dimensões que ajudam a compor a formação da identidade, entre elas estão as relações sociais.

Sen (2015) explica que é possível pertencer a diversos grupos identitários simultaneamente, pois, em regra, um não exclui o outro. A nossa cidadania, residência, origem geográfica, gênero, classe, política, profissão, hábitos alimentares, interesses de esporte, gostos musicais, entre outros aspectos, fazem de nós membros de uma variedade de grupos. Cada uma destas coletividades, às quais a pessoa pertence simultaneamente, dão nuances para sua identidade. Nenhuma destas pode ser confundida com toda a identidade ou única categoria de pertença grupal da pessoa. Contudo, haverá situações em que as diversas identidades de um indivíduo “competem entre si por atenção ou prioridade” e é nesse momento que “as pessoas têm de decidir a importância relativa a dar às respectivas identidades, as quais, mais uma vez, dependerão das condições específicas” (SEN, 2015, p. 38). É nesse sentido que Hall (2006, p.13) afirma que em nosso interior existem “identidades contraditórias”.

De maneira complementar, Woodward (2000) relata que as identidades nascem em momentos históricos particulares no decorrer do tempo, pois os elementos que pareciam sustentar certas identidades estão constantemente entrando em colapso e novas identidades vão sendo criadas, muitas vezes por meio de lutas sociais e políticas. Estas situações podem determinar contradições.

É a identidade em construção que nos fala Hall (2006). Conforme seus percursos e vivências “elas invocam uma origem que residiria num passado histórico, têm a ver com a utilização de recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL, 2006, p. 108-109). De forma semelhante, Resta (2014, p. 21) fala sobre os percursos da construção da identidade sendo compostos por trajetos e deslocamentos, pois não se “tem um único ponto de chegada; além do mais, percurso põe em evidência aquilo que acontece ‘per-correndo’”.

Entre as diversas dimensões da identidade estão as características profissionais, estatal, de classe, sexual, consciente, inconsciente, dentre outras (RESTA, 2014). Outros autores apresentam também a identidade nacional (Hall, Todorov, Bauman, por exemplo), étnica-racial (tais como Hall e Oliveira) e religiosa (Oliveira e Marinucci), as quais serão aprofundadas no decorrer da análise da pesquisa, tendo em vista que são os elementos que podem sofrer interferência pelo processo migratório analisado neste trabalho.

Mobilidade e as dimensões identitárias

A análise aprofundada dos elementos que norteiam as dimensões identitárias acionadas pelos moçambicanos compõem os aspectos que constituem as três macrocategorias de análise, definidos a priori, que são formados pelas nove microcategorias mistas, algumas definidas a priori e outras que emergiram ao longo da pesquisa de campo.

- a) Aspectos Culturais: entre eles emergiram os elementos que foram denominados como Identidade Étnica (IE), Identidade Nacional (IN), Identidade Africana (IA), Identidade Cultural (ICul), Identidade de Consumo (ICon) e Identidade Religiosa (IR).¹
- b) Aspectos Subjetivos: sexualidade, gênero, estratégias de inserção social, associativismo, preconceitos e suas estratégias de enfrentamento compõem a Identidade Sexual e de Gênero (ISG) e a Identidade Social (IS).
- c) Aspectos Ambientais: nesta categoria foram incluídas as percepções do território, interações ambientais, comparação com lugar de origem. Na análise desses dados, estas informações serão denominadas Identidade Ambiental (IAmb).

¹ Devido à forte inter-relação que as Identidades Nacional e Africana assumiram entre os autores e nos relatos dos entrevistados, elas serão analisadas conjuntamente.

Quadro 01 – Elementos dos aspectos identitários afetados pela mobilidade estudantil dos moçambicanos na UNILAB

Entrevistados moçambicanos / Elementos identitários	Aspectos Culturais						Aspectos Subjetivos		Aspectos Ambientais
	IE	IN	IA	ICul	ICon	IR	ISG	IS	IAmb
Entrevistado 01			X					X	
Entrevistada 02			X				X	X	
Entrevistado 03			X	X				X	
Entrevistada 04		X	X	X			X	X	
Entrevistado 05			X	X				X	
Entrevistado 06		X	X	X					
Entrevistado 07		X	X						X
Entrevistado 08			X					X	X
Entrevistado 09	X		X						
Entrevistada 10			X					X	
Entrevistado 11	X	X	X	X	X	X	X		
Entrevistado 12				X	X				
Entrevistado 13		X	X						
Entrevistado 14			X	X	X		X	X	
Entrevistado 15	X	X	X	X			X	X	
Entrevistado 16			X					X	X
Entrevistado 17			X						X
Entrevistado 18			X		X				
Entrevistado 19	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Pesquisa de Campo (2020).

A organização das diferentes formas de identidade enquanto micro categorias permite uma análise das interfaces que compõem a experiência de mobilidade estudantil dos moçambicanos na UNILAB. A seguir caracteriza-se e analisa-se cada uma.

a) Aspectos Culturais

Identidade étnica

Barth (2000, p. 184) classifica etnicidade como uma “organização social que nos permite descrever as fronteiras e as relações dos grupos sociais em termos de contrastes altamente seletivos, que são utilizados de forma emblemática para organizar as identidades e as interações”. O autor explica que as identidades étnicas se mobilizam tendo a alteridade como referência, pois são as fronteiras étnicas que definem o grupo e não seu conteúdo cultural interno. Assim, a identidade étnica tem uma origem comum e mantém uma fronteira entre “ele” e “os outros” a partir de determinados traços culturais coletivos.

Para os estudantes moçambicanos, a etnia está relacionada a uma conjuntura que é herdada da sociedade que vivem, sendo assim, a distância física em relação a suas comunidades afetaria essa dimensão, o que foi identificado por 21% dos entrevistados. Os contrastes foram percebidos não só em relação aos brasileiros.

Primeiro porque eu não sabia que existia muita diferença no Brasil, né, eu pensei que fosse homogêneo, mas não é, há variações. A forma de falar varia, tem pessoas que falam muito mais rápido, tem pessoas que falam muito mais devagar. Depois, também, por causa da própria UNILAB, né. A UNILAB tem vários grupos, vários grupos étnicos, mesmo, é, África, são vários grupos étnicos, então dá pra conhecer muito. (ENTREVISTADO 15)

Ao cruzar o oceano em direção ao Brasil, os moçambicanos depararam-se com o contexto sociocultural encontrado na UNILAB, onde encontraram não só diferenças com etnias brasileiras, mas também diferenças étnicas presentes no continente africano.

Identidade nacional e africana

A identidade nacional, no caso a identidade africana, não estava considerada como um elemento entre os Aspectos Culturais no início do estudo, mas pela força que adquiriu nos relatos oriundos das entrevistas evidenciou-se como um elemento novo, transformando-se em uma categoria emergente.

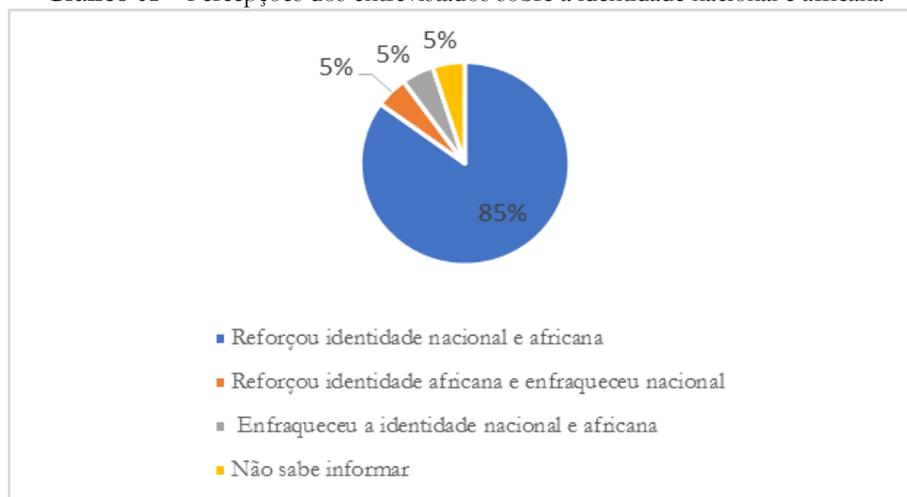
Para Hall (2006), a identidade nacional é uma das principais fontes da identidade cultural. Bauman (2005) explica que a identidade nacional traça uma fronteira entre os indivíduos de diferentes países, exigindo adesão e fidelidade inequívoca, sob pena de exclusão. O imigrante tenta apegar-se a distintos elementos de seu ambiente nativo para manter sua identidade nacional, complementa Santos (2014). Portanto, a identidade nacional afeta a experiência imigrante.

Os estudantes entrevistados consideram que a sua identidade moçambicana e africana não prejudicou a experiência da mobilidade, pois, mesmo mantendo vínculos com seus países de origens, souberam também participar e interagir com os brasileiros e outras nacionalidades presentes da UNILAB, vencendo os desafios e contratempos presentes no percurso.

Além disso, evidenciou-se nas respostas de 37% dos entrevistados uma mudança na forma de lidar com a nacionalidade e até mesmo um maior apego ao seu país de origem, passando a valorizar mais suas raízes. Contudo, quando perguntados se a imigração reforça ou enfraquece a identidade africana, esse percentual aumenta de forma surpreendente: 85% dos entrevistados acham que a mobilidade reforçou sua identidade nacional e africana. Isto

porque sair de Moçambique teria despertado maior amor e interesse pelo país e pela África. Desta forma, a mobilidade reforçou suas identidades de origem. Apenas 5% perceberam que a mobilidade enfraqueceu sua identidade nacional e continental, por não poderem falar seus idiomas nativos e por não se sentirem à vontade para expressarem-se culturalmente, de acordo com os seus costumes. Outros 5% entenderam que a mobilidade, ao mesmo tempo que fortalece a identidade como africano, enfraquece a identidade moçambicana. Isto porque na África e em seu país ele podia se denominar moçambicano, contudo, no Brasil seria necessário se denominar africano para que os brasileiros entendessem o local de onde ele vem. E 5% não souberam informar se ocorreu o enfraquecimento ou fortalecimento de sua identidade e de suas raízes moçambicanas e africanas. Tais informações podem ser verificadas no gráfico abaixo:

Gráfico 01 – Percepções dos entrevistados sobre a identidade nacional e africana



Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Os entrevistados 04, 06, 07, 11, 13, 15, 19 relataram que passaram a valorizar mais sua identidade moçambicana. A entrevistada 04 ressaltou que a nacionalidade seria o fundamento de sua identidade no Brasil, pois várias vivências aqui ocorridas tiveram como raiz o seu local de origem: “É a chave de tudo. Sou estrangeira, isso é a raiz de tudo”. Para outros entrevistados, sair do país despertou maior interesse e amor pelos elementos culturais de Moçambique e da África.

De 19 entrevistados, 17 consideram que a mobilidade reforçou sua identidade africana. O entrevistado 05, por exemplo, acredita que isso se deva à cor e à raça, aspectos que evidenciam sua identidade.

| Anna Ariane Araújo de Lavor | Jane Márcia Mazzarino |

A questão de nacionalidade, acho que serve pra todos, todos nós quando saímos do nosso país. Então nós carregamos muito a bandeira, acho que se pudesse vestia a bandeira e sairia direto todos os dias, né? Tanto que eu choro ainda hoje sempre que toca o hino nacional do meu país. Porque, às vezes, eu era o único que cantava o hino nacional no auditório, na minha própria formatura mesmo. Então assim, parece que naquele momento, exalta minha Pátria (ENTREVISTADO 11).

O entrevistado 17 relata que no Moçambique não conhecia e tampouco admirava tanto sua própria cultura e história, mas a imigração despertou-lhe um espírito nacionalista, fazendo-o pesquisar e divulgar as coisas boas do seu país.

Algo que eu percebi e envergonha ter que dizer é que quando eu estava no meu próprio país, eu pouco sabia do meu próprio país. É aquele ditado popular que a gente diz, quando a gente tem a coisa, a gente dá menos valor, a gente só dá valor quando perde ela, né? E saindo do território nacional eu pude começar a observar o meu país de uma outra forma, começa a surgir um espírito nacionalista. Ontem eu não estaria nessa camiseta (falou mostrando a camisa da seleção moçambicana), em Moçambique, não colocaria, mas hoje eu quero mostrar, quero mostrar que sou moçambicano, eu quero mostrar que a África não é um país, eu quero mostrar que a gente tem danças tradicionais, eu quero mostrar que a gente tem línguas nativas, eu me orgulho em dizer que Moçambique tem 54 línguas, um país só com 54 línguas. Então me orgulho de muita coisa boa que antes eu não ligava. Então a minha vinda para o Brasil veio fortalecer o meu próprio espírito nacionalista, veio fortalecer as minhas raízes, vem fortalecer quem realmente sou e hoje eu aprendo mais de Moçambique estando fora, hoje eu me ligo mais a Moçambique estando fora de Moçambique, eu me ligo mais às causas sociais de Moçambique, tudo aquilo que eu faço, eu penso no meu país, como eu posso levantar isso lá em Moçambique, como é que eu posso fazer isso em Moçambique, então de fato... infelizmente eu acho que poderia ter dado mais quando estava em Moçambique, mas infelizmente eu estou dando agora. Então essa vinda veio apenas fortalecer a minha moçambicanidade. (ENTREVISTADO 17)

Sair para poder voltar com um outro olhar. Olhar-se de longe reforça a identidade nacional. A mobilidade estudantil mostra, assim, sua relevância para a autopercepção enquanto um cidadão imerso em uma cultura nacional.

De acordo com Marqueza (2019), a identidade africana se formou principalmente devido ao colonialismo que atingiu todos os Estados da África. A partir disso, os países africanos passaram a ter elementos (estruturas de poder, forma de exploração de riquezas, acirramento das rivalidades entre etnias, luta pela independência) em comum que contribuíram para a formação dessa identidade. Assim, mesmo cada país africano possuindo uma rica diversidade cultural, existem fatores em comum que favoreceram a existência de uma identidade nacional e, ao mesmo tempo, a identidade africana.

De forma semelhante, Pinto (2008) fala dessa construção de identidade, a qual estaria mais próxima de uma identidade cívica a partir da conexão entre identidade e ameaça.

O Estado africano para se consolidar enfrentou duas frentes de ameaça: em primeiro lugar as potências coloniais, contra as quais foi importante o fortalecimento do

movimento pan-africano, criando uma identidade comum da região e uma necessidade de libertação de todo o continente. A segunda ameaça é representada pelo próprio pan-africanismo, que desafiava a legitimidade, a soberania e a estabilidade dos Estados-nacionais em favor de uma identidade transfronteiriça (PINTO, 2008, p. 213).

Deng et al. (1996) explica que a identidade política de um africano é como um edifício de três níveis: no topo da estrutura está um senso abrangente de identidade continental, que todos os africanos compartilham. Dessa forma, o autor explica que todos eles dizem sem hesitação: “somos africanos”. Na base do edifício se encontra o senso de identidade étnica, a qual é uma força poderosa para a maioria dos africanos, que podem conchamar com confiança: “somos Kikuyu, ou Baganda, ou iorubás”, dentre outras. A crise, no entanto, surgiria no meio desse hipotético edifício, qual seja na identidade nacional. Poucos são os que podem afirmar verdadeiramente com sentimento e convicção “somos ugandeses” ou “somos etíopes” ou “somos moçambicanos”. Por isso, o senso de identidade nacional seria o menos desenvolvido dentro dessa identidade política dos africanos. O autor informa, ainda, que esta situação foi agravada devido ao fato que muitos governantes mantiveram um estilo de governo semelhante ao utilizado na época do colonialismo: dividindo e manipulando as diferentes etnias para ganhar poder político.

Identidade cultural

A cultura enquanto propriedade intelectual é produto das diferentes construções históricas de determinado agrupamento humano, composta por códigos de significados que dão sentido aos atos, de forma que toda ação social é também cultural, assim as práticas sociais são elementos de significação cultural (HALL, 1997).

O autor explica que a cultura possui duas dimensões: a) substantiva, que exerce um papel na estrutura empírica da realidade; b) epistemológica, que realiza a construção e modificação nas compreensões dos modelos conceituais que usamos para representação do mundo. Ou seja, abrange tanto a vida social quanto os aspectos ligados às percepções humanas.

Já Chick (1997) apresenta quatro categorias de cultura: conhecimentos, valores e crenças pessoais; padrões de comportamento presentes nos diversos grupos sociais; expressões e produções materiais de uma sociedade; e sistema de informações que são compartilhadas entre grupos sociais. É possível resumir essas categorias em duas: cultura em sentido amplo (códigos, crenças e padrões de comportamento) e em sentido estrito (produção intelectual).

Conhecer outra cultura trouxe muitos dos moçambicanos para o Brasil, por meio da mobilidade estudantil.

Inicialmente conhecer um lugar novo e uma nova cultura, né. Oportunidade de fazer parcerias e aprender cada vez mais, porque esse é nosso objetivo principal ao sair de casa. E também fazer novas amizades, iniciar um novo ciclo de amigos. (ENTREVISTADO 13)

Representa um ganho, mais um ganho acadêmico, mais um ganho de convívio, experiência. É um aprendizado acima de tudo. Com cada país que faz parte da UNILAB (ENTREVISTADO 19).

Ela traz muitas oportunidades. Por exemplo, sabendo que o Brasil é um dos países muito desenvolvidos... Ao voltarmos para nosso país, eles pegando nosso currículo eles vão se admirar do conhecimento que nós obtemos. Veja só onde essa pessoa foi obter conhecimento? Em um dos países bem desenvolvidos, onde a educação está num nível muito alto. Então vai ser algo muito extraordinário, entende? (ENTREVISTADO 18).

Eu acho que a maior oportunidade que ela me possibilita é de criar uma rede, chama network, né? Eu costumo dizer que eu sou cidadão do mundo, eu gosto de viajar e tudo mais, eu gosto de fazer relações tipo de amizade e tudo mais, descobrir o outro, gosto, enfim, de me conectar. E a mobilidade, ela possibilita isso. Possibilita e potencializa nas nossas relações interpessoais, nós podemos dialogar com os demais e ter a nossa própria rede. E poder ter a oportunidade de voltar pra alguns espaços não como estranhos, com uma identidade local, ela é criada a partir daquele contato, então isso é também o que mais, mais aprecio. Eu vejo como uma virtude da mobilidade, de nos possibilitar estar em lugares e a partir daquele contato, seja ele de um ou dois dias, vamos deixar aquela marca ali, e quando voltar talvez não nos sentimos mais estranhos como da primeira vez (ENTREVISTADO 11).

Dentro desse contexto, 47% dos entrevistados entendem que viveram um processo de negociação cultural para se adaptar ao Brasil. Alguns relataram que não conseguiram espaço para expressar ou não tiveram o devido reconhecimento da produção intelectual moçambicana, africana ou de seus grupos étnicos. No entanto, precisaram conhecer e entender a cultura do contexto em que se inseriram, o que fizeram agrupando-se entre si, portanto, as identidades moçambicana e africana se fortaleceram em alguma medida. Conforme Hall (2006) e Todorov (2003), a identidade cultural surge a partir do pertencimento a um grupo que pode possuir em comum diversos aspectos, tais como raça, idade, religião, meio social e profissão. O não reconhecimento de grupos sociais brasileiros fortaleceu o pertencimento ao grupo de estudantes moçambicanos.

Identidade de consumo

O consumo se constituiu em uma forma de inserção sociocultural quando a mobilidade estudantil gerou aquisição de bens materiais, determinando novas formas de viver. Dos entrevistados, 26% relataram que a mobilidade gerou mudanças nas formas de consumo, o que afetou sua construção de identidade. As mais mencionadas referem-se aos alimentos e a uma melhora no padrão de consumo, pois no Brasil encontraram mais opções de produtos e serviços disponíveis.

Sim, talvez por algumas influências, né, de comida, por exemplo. Eu já consumo coisas, que no início, quando eu cheguei, detestava, agora eu consumo. Primeira vez que eu comi um prato que chamamos cuscuz aqui eu detestei, mas depois comecei a me integrar melhor, então são as pequenas mudanças (ENTREVISTADO 15).

Porque, comparativamente, o padrão que eu tinha lá talvez tenha melhorado aqui, o padrão de ter acesso, de poder consumir, dos serviços, bens e tudo mais, ter posses.... Então acho que influenciou bastante, né (ENTREVISTADO 11).

De acordo com Silva, Barbosa e Farias (2020, p. 385), o consumo normalmente está relacionado com “significados pessoais e sociais compartilhados com o mercado” e a identidade pode ser desenvolvida com base nas escolhas de consumo e no sentido que essas decisões possuem.

Identidade Religiosa

Marinucci (2011) explica que a dimensão religiosa pode se moldar a partir da constante interação com novas culturas, causadas por diversos fatores, dentre eles pela mobilidade geográfica. Apesar disso, apenas 11% informaram que havia ocorrido mudanças nessa dimensão da identidade e isto ocorreu por terem presenciado preconceitos em relação às religiões de matrizes africanas. Embora os entrevistados não fossem de uma dessas religiões, o fato de existir esse preconceito no Brasil, os fez ver a importância de respeitar as diferentes crenças e a liberdade de exercê-las.

Quando eu vim pra aqui para o Brasil, é... eu vim descobrir, vim saber do racismo religioso a partir daqui. Um preconceito sobre algumas religiões africanas. E aí eu comecei a analisar criticamente, porque antes eu olhava para as religiões e uma forma, é... não que seja errado, né? Mas muito romantizada, do bem e do mal, e quando vim comparar esse choque religioso, né, essa intolerância em constante conflito mudei a percepção da religião, da própria religião daqui para lá. Esse choque me fez ter uma visão diferente, um pouco mais crítica. Me mostraram que na verdade não existe um mar de rosas, existe um conflito. (ENTREVISTADO 11)

Percebeu-se a intolerância contra algumas religiões, especialmente as de matrizes africanas. Essa intransigência ocorre porque “as religiões de matrizes africanas historicamente estiveram neste lugar de subordinação frente às religiões hegemônicas detentoras de poder, status e influência, sofrendo perseguição, preconceito e discriminação” (OLIVEIRA, 2014, p. 25).

Para a autora, essa perseguição desrespeita e tenta desqualificar os praticantes das religiões de matrizes africanas nos diversos ambientes nos quais as estruturas de poder se formam, expressam e reproduzem na sociedade. De acordo com a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio de Janeiro, mais de 70% dos casos de ofensas, abusos e atos

violentos registrados entre 2012 e 2015 no estado, foram contra praticantes de religiões de matrizes africanas (PUC-RIO, 2016).

Esta situação lembra o que foi exposto por Sen (2010), Agier (2001) e Woodward (2000) em relação à importância do contexto social na formação da identidade. E, nesse caso, percebe-se que antes da mobilidade a religiosidade ou a africanidade, por exemplo, não estavam em questão, porém quando os entrevistados se viram diante da intolerância religiosa em relação às matrizes africanas, ou quando perceberam que precisariam realçar mais suas identidades nacionais ou africanas, passaram a encarar essas dimensões identitárias de forma diferente de antes, valorizando-as e abrindo-se às diferenças.

b) Aspectos Subjetivos

Identidade Sexual e de Gênero

Embora os entrevistados não tenham relatado mudanças na orientação sexual e de gênero, 32% destacaram que a forma de ver o tema mudou, pois no Brasil haveria maior debate sobre temas ligados à sexualidade, homofobia, feminismo, empoderamento feminino, relações de gênero e poder.

Bourdieu (1999) relata que a divisão entre os sexos presente na sociedade é um sistema de percepção, pensamentos e ação. Estes elementos relacionados à visão sobre gênero sofreram alteração, segundo os entrevistados, que, no Brasil, passaram a ter compreensões diferentes devido às experiências culturais vivenciadas no país.

De acordo com Peres e Baeninger (2014), num contexto imigratório as metamorfoses experimentadas pelos diferentes sexos são distintas e cada uma tem impactos diferentes na identidade e na estrutura de vida. Este entendimento coincide com o relato de alguns entrevistados, que afirmaram que as mulheres moçambicanas enfrentam outros obstáculos (além dos vivenciados pelos homens), ou seja, são diferenças que foram socialmente construídas durante a mobilidade.

Quanto à identidade de gênero, os entrevistados 02, 04, 11, 14, 15 e 19 destacaram que a forma de ver o tema mudou. O entrevistado 11, por exemplo, afirmou que sua forma de ver esses temas mudou, pois em Moçambique

[...] a gente não debate, não entende essa forte tradição de debater as relações de gênero e de poder e tudo mais. Então mudou bastante, agora tenho uma visão muito crítica das relações de gênero, questões mais práticas da minha própria cultura, a partir dessa nova vivência, dessa nova realidade. (ENTREVISTADO 11)

A entrevistada 02 ressaltou que no Brasil adquiriu muito conhecimento sobre “identidade de gênero e empoderamento feminino” (ENTREVISTADA 02). Outra mulher entrevistada (04) observou uma diferença notável entre os dois países, considerando a luta das mulheres no Brasil mais intensa e apresenta maiores resultados em relação a Moçambique. Para ela, aqui as mulheres têm mais direitos. Também alguns homens entrevistados perceberam essa diferença nos direitos e na forma de debater o feminismo.

Identidade social

De acordo com Fernandes e Pereira (2018, p. 44), a formação de um grupo social tem início a partir de determinantes psicossociológicos que se articulam “aos processos de formação da identidade, comparação e categorização social, assim como, determinantes relativos ao contexto imediato que servem de palco para essa construção”. Caso do convívio comum, da cooperação e da competição intergrupala, assim como da coesão para o alcance de objetivos comuns.

Segundo os autores, o pertencimento ao grupo resulta na identidade social, o que no caso dos entrevistados foi vivido enquanto estratégia de inserção social e de enfrentamento do preconceito. Segundo 58% dos entrevistados, a identidade social foi afetada durante a mobilidade devido a essas duas situações.

Quanto às estratégias de inserção social, 37% dos entrevistados mencionaram que foi necessário se adaptar ao novo ambiente, costumes, pessoas e situações do cotidiano. Uma das estratégias foi a criação da associação de estudantes moçambicanos da UNILAB, uma forma coletiva para fortalecer e dar maior representatividade ao grupo e a cada um.

A participação em associações e demais redes sociais é uma estratégia cada vez mais utilizada pelos imigrantes para facilitar a sobrevivência e reafirmar seus valores culturais, concordam Joseph (2018), Petrus e Francalino (2010), Langa (2014), Silva (2017), Escuredo (2016) e Rodrigues (2014).

Quanto ao preconceito, 26% acham que seu enfrentamento afetou de alguma forma suas identidades, pela necessidade de mudar seu estilo de vida. Os entrevistados relataram que o preconceito se referiu mais ao lugar de origem (Moçambique/África) do que à cor ou, ainda, conforme a opinião de alguns entrevistados, se deu pela junção dos dois fatores.

Fernandes e Pereira (2018, p. 44) referem que o sentimento de pertencimento a uma identidade social é desenvolvido por meio da interação social, contudo, em determinadas circunstâncias este pertencimento social pode ser afetado por preconceitos,

que surgem quando ocorrem julgamentos e generalizações exageradas “sobre as características das pessoas pertencentes aos grupos, portanto, o processo de categorização social pode ser destacado com um dos principais responsáveis pelo favoritismo endogrupal e a discriminação exogrupal”.

c) Aspectos Ambientais

Identidade ambiental

26% relataram mudanças na forma que ocorriam suas interações ambientais, devido à nova forma de ver o Brasil (Brasil Idealizado x Brasil Real), sua população, a realidade sociopolítica e o meio ambiente local. Tal percepção está de acordo com o entendimento de Marin, Torres Oliveira e Comar (2003, p. 4), os quais explicam que “falar de percepção ambiental é falarmos da relação do ser humano com o mundo”, por isso é algo além dos “conceitos que as pessoas têm do seu lugar, do seu mundo, mas das imagens com que o povoam”. Para os autores, as pessoas fazem uso das percepções sensoriais e das fontes da fantasia, da imaginação e da temporalidade na percepção e interação com o ambiente. Essa ideia também se aproxima da visão de Guattari (1990) sobre os três registros ecológicos: meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana, ou seja, as relações com a sociedade, com a psique e com a natureza.

Negociar é preciso

Ao fim da análise dos nove elementos que compõem os três aspectos da identidade que constituíram as macrocategorias, conclui-se que, para os entrevistados, os aspectos da identidade precisam ser negociados para a construção de vínculos coletivos ao longo da experiência de mobilidade estudantil. Esta evidência relaciona-se com a afirmação de Hall (2005, p. 07), de que a identidade é uma “celebração móvel, já que o sujeito assume identidades diferentes, e estas variam de acordo com o momento”. Da mesma forma, Bauman (2005) ressalta que a identidade e o pertencimento não são imutáveis e sim experimentos infundáveis e negociáveis de acordo com as decisões e o caminho seguido pelo indivíduo no decorrer de sua vida.

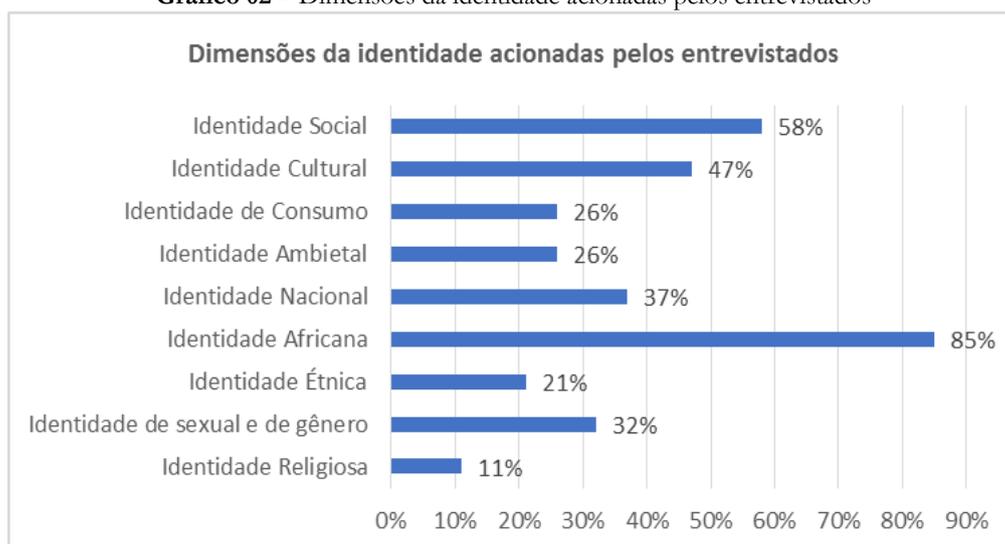
O termo negociação de identidade tem sido utilizado em diversos ramos científicos, especialmente na Antropologia, para “representar os fenômenos relativos às identidades no contexto da globalização e da imigração, dos conflitos relacionados às identidades nacionais, étnicas e religiosas, bem como em relação à luta de classes e às questões de gênero” (ROSA;

SANTOS, 2013, p. 105). Os relatos expõem que os moçambicanos em experiência de mobilidade estudantil realizam uma construção diária da identidade.

Os percursos identitários são repletos de deslocamentos, com diversos pontos de chegada, que caracterizam o uso do termo “per-correndo” (RESTA, 2014). A mobilidade percorrida proporcionou encontros com “o outro”, com “o diferente” e, nesse contexto, diversos elementos foram acionados, interferindo (e sofrendo interferência) na formação dos vínculos sociais.

Mesquita (1994) e Hall (2006) explicam que no processo de construção social da identidade, é diante das diferenças, dos contrastes e da negação que a identidade ganha forma. No percurso vivido pelos moçambicanos no Brasil, algumas dimensões tiveram maior relevância do que outras. Os aspectos Culturais e Subjetivos salientaram-se, e entre os culturais a identidade Africana e Cultural foram mais acionadas pelos moçambicanos durante o período de mobilidade no Brasil, enquanto entre os aspectos subjetivos, tanto a identidade Social quanto a Sexual e de Gênero foram movimentadas. O aspecto Ambiental, uma categoria definida a priori, não se salientou entre os demais, por ter sido pouco abordada nas entrevistas, ficando a questão do ambiente muito mais percebido como uma construção cultural (ser africano ou moçambicano), do que por uma relação com o território físico. O Gráfico 02 expõe as evidências que emergiram dos dados coletados nas entrevistas.

Gráfico 02 – Dimensões da identidade acionadas pelos entrevistados



Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Para os moçambicanos, a mobilidade refere-se ao ato de se mover no espaço em busca de um objetivo, gerando um intercâmbio de conhecimentos. Entendem que essa

mobilidade possibilita os mais diversos aprendizados, com chances de crescimento pessoal, acadêmico e profissional, bem como a oportunidade de conhecer e se conectar com novas pessoas e lugares.

Os estudantes em mobilidade estudantil sentem-se atraídos pela experiência de conhecer outra cultura, outros lugares, outras pessoas, outros conhecimentos. Querem descobrir, aprender, ter experiências. Sonham com o conhecimento profissional e acadêmico por meio da qualificação no exterior, que gere ascensão social e econômica. Estão focados em aproveitar oportunidades, que reflitam-se em possibilidades de admiração e reconhecimento dos iguais a partir do encontro com o que lhes é diferente. Querem transformar sua identidade e a dos outros, ampliar a subjetividade por meio da alteridade, que transforma a identidade, além de deixar sua marca em um ambiente novo, onde pretendem sentir-se como o outro, ou seja, não se sentir estranho, sendo inserido/incluído neste novo lugar. Em interação no ambiente brasileiro, criam estratégias de inserção social, deparam-se com questões de gênero, de nacionalidade, de etnia, movimentam elementos culturais e religiosos, adotam novas formas de consumo e precisam enfrentar preconceitos.

A mobilidade estudantil fez os estudantes transpor barreiras geográficas e culturais, colocando-os em constante conexão com pessoas e lugares que ensinam e, assim, aprendem por meio de novas experiências culturais que afetam sua subjetividade, quando mostraram-se pouco atentos ao contexto ambiental.

Eles incorporaram novos elementos às suas identidades, baseados mais fortemente em uma integração sociocultural, do que decorre que já não são os mesmos que viviam em Moçambique, mas não são (e não querem ser) como os brasileiros, possuindo agora uma identidade expandida e mais fluida, que vai além das fronteiras, pois os indivíduos podem “forjar territórios em que a dimensão simbólica (como aquela promovida pelas identidades) se sobrepõe à dimensão mais concreta (como a do domínio político que faz o uso de fronteiras territoriais para se fortalecer)” (HAESBAERT, 1999, p. 171). Caso voltem a viver em Moçambique, viverão novas metamorfoses, pois terão outros choques culturais e momentos em que precisarão se amoldar nesse retorno ao território de origem, o que vai, recursivamente, afetar sua identidade migrante.

Com a mobilidade os estudantes moçambicanos precisaram se adaptar ao outro e, para tanto, utilizam algumas estratégias de interação social, tais como a criação da associação de estudantes moçambicanos da UNILAB, onde obtiveram maior visibilidade e ampliaram as sociabilidades, o que foi determinado pela necessidade de se sentirem

incluídos e representados, pois, como afirma Ingold (2008, p. 35), a “visibilidade, sua identidade, de fato a sua própria existência como uma pessoa, é confirmada na visão dos outros”.

Ao vivenciarem uma experiência transnacional do encontro com o outro em seus próprios corpos, os transformaram no território onde tiveram lugar outros tipos de encontros: de formas de ser e viver do Moçambique e do Brasil. A interação com os alimentos foi um exemplo disso. Com alguns brasileiros tiveram encontros mais potentes, principalmente na esfera dos homens, o que afetou suas vidas (BUBER, 2006; ZUBEN, 2006). Esse diálogo com o outro possibilita a extensão dos horizontes de cada interlocutor, com marcas naquelas que se permitem ao encontro intercultural.

Tornaram-se o outro do outro e não passaram ilesos à experiência da alteridade. Suas identidades foram e estão sendo alteradas por meio de processos e movimentos que as colocam sempre em construção (LANGA, 2016; HALL, 2006). Na mobilidade, o indivíduo se torna o outro para o outro, ou seja, ele sai de um lugar conhecido para uma nova experiência inter-humana. Assim, a mobilidade produz diferenças e riscos (SALAZAR, 2018), porém pode ser uma oportunidade também de diálogo e encontro.

Por meio da mobilidade estudantil gerou-se a inserção sociocultural de moçambicanos no contexto em que a UNILAB atua, o que também interferiu nas dinâmicas identitárias existentes antes da chegada dos estudantes moçambicanos (RESSTEL, 2015; SALAZAR, 2018; BASSANI, 2014).

O estudo evidenciou elementos de transformação identitária decorrente de trocas culturais dinamizadoras e dinamizadas pelas relações sociais. O contato cultural ressaltou as diferenças e semelhanças de que tratam Mesquita (1994), Hall (2006), Silva (2000) e Lucas e Santos (2016), não só entre moçambicanos e brasileiros, mas entre os estudantes em mobilidade estudantil e outras etnias africanas. Em outro continente, viram-se mais africanos que jamais se perceberam por serem tratados pelos brasileiros como um único grupo (africanos), sem diferença de nacionalidade. Com isso, os moçambicanos surpreenderam-se ao perceberem mais próximos de sua africanidade do que antes da mobilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes moçambicanos entrevistados vivem a condição fronteiriça em si mesmos, pois, embora estejam aqui no Brasil, mantêm contato com suas raízes culturais e com a nacionalidade, ao mesmo tempo que tentam se adaptar ao novo país.

No processo de adaptação, criaram espaços comunitários e dialógicos. Interagiram, socializaram e criaram vínculos com brasileiros (colegas de classe e moradores da região), com outros colegas de diversas cidades de Moçambique, com outros alunos internacionais dos demais países participantes do convênio com a UNILAB e, ainda, relações institucionais com a UNILAB (professores e demais servidores do campus). Nessas novas comunidades, os diversos elementos da identidade foram acionados, sendo que alguns aspectos tiveram maior relevância do que outros. Quando diante de preconceitos, fortaleceram sua relação com seu lugar de origem, sua visão de si e sua identidade. Negociaram formas de ver e de viver, o que facilitou a compreensão de si pelo outro.

Um ponto que merece destaque é a relação com a nacionalidade, pois nesse aspecto são relatadas diversas mudanças pós-mobilidade, tais como, maior admiração/amor por Moçambique, pela África e suas raízes culturais. Os entrevistados se reconhecem como moçambicanos/africanos a partir do contato com o outro, revendo-se em outra perspectiva, a qual fortalece sua identidade nacional e africana.

Mais do que um simples espírito de nacionalismo, a mobilidade transmutou suas identidades nacionais e africanas, revelando um movimento de engajamento comunitário, político e o senso de responsabilidade coletiva. Assim, os entrevistados ampliaram suas identidades de nacional para continental para serem compreendidos e passaram a se ver e serem vistos de forma diferente ao que estavam habituados, realizando novos cruzamentos identitários. Muitos deles pretendem retornar aos seus países para contribuir com o desenvolvimento nacional, pois, formados, serão considerados parte da elite cultural.

REFERÊNCIAS

- AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 07-33, 2001.
- AUGÉ, M. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL; UNESP, 2010.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Edunesp, 2000. p. 187-227.
- BASCH, L.; SCHILLER, G. N.; BLANC, C. S. **Nations Unbound: transnational projects. Postcolonial Predicaments, and Deterritorialized Nation-States**. New York: Gordon and Breach, 1994.

BASSANI, A. F. **A migração estudantil em Irati-PR**: um espaço marcado por distintos movimentos migratórios ao longo do tempo. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2014.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. **Lei 12.289**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm>. Acesso em: 10 out. 2020.

BUBER, M. **Eu e tu**. Tradução, introdução e notas: Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2006.

CHICK, G. Culture Complexity: The concept and its measurement. **Cross-Cultural Research**, v. 31, p. 275-307, 1997.

DCE – Divisão de Temas Educacionais. **Histórico do Programa**. Disponível em: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.php>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

DENG, F.; KIMARO, S.; LYONS, T.; ROTCHILD, D.; ZARTMAN, I. W. **Sovereignty as responsibility**: conflict management in Africa. Washington, DC: The Brookings Institution, 1996.

ESCUREDO, C. O protagonismo de mulheres imigrantes na construção de redes sociais para o fortalecimento identitário: o caso das brasileiras em Chicago (EUA). **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano 24, n. 48, p. 179-196, set./dez. 2016.

FELDMAN-BIANCO, B. Desarrollos de la perspectiva transnacional: migración, ciudad y economía política. **Alteridades**, v. 25, n. 50, p. 13-26, jul./dic. 2015.

FERNANDES, S. C. S.; PEREIRA, M. E. Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 30-49, 2018.

FORTIER, Anne-Marie. Migration studies. In: ADEY, P.; BISSELL, D.; HANNAM, K.; MERRIMAN, P.; SELLER, M. (Ed.). **The Routledge handbook of mobilities**. London: Routledge, p. 64-73, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1997.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-45, 1997.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org. e Trad.). **Identidade e**

diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 169-190.

HOGAN, D. J. Mobilidade populacional, sustentabilidade ambiental e vulnerabilidade social. **Rev. bras. estud. popul.,** São Paulo, v. 22, n. 2, p. 323-338, dez. 2005.

INGOLD, T. Pare, olhe, escute: visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe,** São Paulo, n. 3, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/pontourbe.1925>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

JOSEPHE, H. Prólogo. In: MEJÍA, M. R. G. (Org.). **Migrações e Direitos Humanos: Problemática Socioambiental.** Lajeado: Ed. da Univates, 2018.

LANGA, E. N. B.; LANGA, E. N. B. Diáspora africana no Ceará: representações sobre as festas e as interações afetivosexuais de estudantes africano(a)s em Fortaleza. **Revista Lusófona de Estudos Culturais,** v. 2, n. 01, p. 102-122, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.21814/rlec.58>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

_____. **Diáspora africana no Ceará no Século XXI:** ressignificações identitárias de estudantes imigrantes. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

LUCAS, D. C. A identidade como memória biográfica do corpo e sua proteção jurídica: itinerários de um paradoxo. **Sequência,** Florianópolis, n. 65, p. 125-154, dez. 2012.

LUCAS, D. C.; SANTOS, A. L. C. A Abordagem da diferença como categoria crítica da igualdade moderna na literatura de Eduardo Galeano. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais,** Vitória, v. 20, n. 3, p. 91-128, set./dez. 2019.

MARIN, A. A.; TORRES OLIVEIRA, H.; COMAR, V. A educação ambiental num contexto de complexidade do campo teórico da percepção. **INCI,** Caracas, v. 28, n. 10, p. 616-619, oct. 2003.

MARINUCCI, R. Reconfiguração da identidade religiosa em contexto migratório. **Estudos de Religião,** v. 25, n. 41, p. 97-118, jul./dez. 2011.

MARQUEZA, H. C. Mito, Identidade Africana e a Política de Reconhecimento: um paradigma e uma reflexão epistemológica em busca do afro-nacionalismo. **Sacrilégens,** Juiz de Fora, v. 1, p. 180-198, jan./jun. 2019.

MESQUITA, Z. Procura-se o coração dos limites. In: LEHNEN, A. C.; CASTELLO, I. R.; SHÄFFER, N. O. (Org.). **Fronteiras no Mercosul.** Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS e Prefeitura Municipal de Uruguaiana, 1994.

MORAES R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, M. C.;

FREITAS, J. V. (Org.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MORALES, O. W. **La Migración femenina urbana**. ¿En un contexto transnacional? Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones. Barcelona: Grafo, 2008. p. 7-217.

NASCIMENTO, A. I. **Migração estudantil e a aprendizagem de uma segunda língua: estudantes estrangeiros em Portugal e suas representações pessoais e socioculturais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, Desenvolvimento Local e Formação de Adultos) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto – Portugal, 2013.

OLIVEIRA, C. S. Mobilidades em português: paradigma, cultura e potencialidades. In: ARAÚJO, E.; RIBEIRO, R.; ANDRADE, P.; COSTA, R. (Org.). **Viver em/a mobilidade: rumo a novas culturas de tempo, espaço e distância**. Livro de atas. Braga, Portugal: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2018.

OLIVEIRA, D. M. **Saneamento básico e desenvolvimento humano: um estudo de caso no município de Imperatriz/MA a partir da abordagem das capacitações**. 2014. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2014.

PERES, R. G; BAENINGER, R. Migração feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. In: SANTIN, T.; BOTEGA, T. (Org.). **Vidas em Trânsito: conhecer e refletir na perspectiva da mobilidade humana**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2014.

PETRUS, R.; FRANCALINO, J. H. Refugiados congolezes no Rio de Janeiro: afirmação e (re)significação de identidades nas dinâmicas de inserção social. In: FERREIRA, A. P.; VAINER, C.; PÓVOA NETO, H.; SANTOS, M. O. (Org.). **A Experiência Migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 209-226.

PINTO, S. M. R. A Construção da África: uma reflexão sobre origem e identidade no continente. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, v. 2, n. 3, p. 212-234, 2008.

PUC-RIO. **Por que religiões afro-brasileiras são o principal alvo de intolerância no País?** Disponível em: <<http://assessoria.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=44750&sid=89>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

RESSTEL, C. C. F. P. Transnacionalismo. In: _____. (Org.). **Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 53-78, 2015.

RESTA, E. **Percursos da identidade: uma abordagem jusfilosófica**. Tradução Doglas Cesar Lucas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

RODRIGUES, E. F. V. **Imigrantes Africanos no Brasil Contemporâneo: fluxo e**

refluxos da diáspora. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

ROSA, G. A. M.; SANTOS, B. R. **Facebook e as nossas identidades virtuais**. Thesaurus: Brasileira, 2013.

SALAZAR, N. Teorizando a mobilidade: conceitos e figuras. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, p. 153-168, jul. 2018.

SANTOS, A. L. C. Controle social das migrações e gestão da diversidade. **Revista Novos Estudos Jurídicos**, v. 19, n. 3, set./dez. 2014.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. **Identidade e violência**: a ilusão do destino. Tradução José Antonio Arantes. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2015.

SILVA, L. A.; BARBOSA, M. de L. de A.; FARIAS, M. L. Significados do consumo colaborativo no turismo a partir dos consumidores do AIRBNB. **Tur., Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 22, n. 2, p. 380-400, ago. 2020.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

SOLÉ, C.; PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. (Org.). **Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones**. Barcelona: Grafo, 2008.

TODOROV, T. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo – SP: Martins Fontes, 2003.

UNILAB. **Graduação**. Disponível em: <<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiOGQzNjAwYzQtNzliMC00NzlmLTk4YWUtYmIyNWFiODU4ZWQ1IiwidCI6IjkwMjlkZGNILWFmMTItNDJiZS04MDM3LTU4MzEzZTRkYzVzMzJ9>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

_____. **UNILAB em números**. Disponível em: <<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNTkzZjY2MWQtNjMzNS00MjkwLWU4YTAtOGJjY2NmNjdmNzI1IiwidCI6IjkwMjlkZGNILWFmMTItNDJiZS04MDM3LTU4MzEzZTRkYzVzMzJ9>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZUBEN, V. N. A. Introdução. In: BUBER, M. **Eu e Tu**. Tradução, introdução e notas: Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

Como citar:

ABNT

LAVOR, A. A. A. de; MAZZARINO, J. M. Identidade e mobilidade estudantil: estudo de caso da experiência dos moçambicanos na UNILAB. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 8, e202206, 2022. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202206>>. Acesso em: 29 out. 2022.

APA

Lavor, A. A. A. de, & Mazzarino, J. M. Identidade e mobilidade estudantil: estudo de caso da experiência dos moçambicanos na UNILAB. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 8, e202206, 2022. Recuperado em 29 outubro, 2022, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202206>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2022, Universidade Federal do Maranhão.

